

Oito anos de Real sem políticas de desenvolvimento

VALOR ECONÔMICO

04 JUL 2002

ECONOMIA - BRASIL



GUIDO
MANTEGA

Depois de todo este tempo, vale a pena refletir sobre o que vitimou um plano de estabilização que começou tão bem, com um mecanismo brilhante de desindexação e troca de moedas, e deixa um legado difícil de administrar.

Na raiz dos problemas vamos encontrar uma combinação macroeconômica mortífera para qualquer país. Uma abertura comercial mal feita, que atraiu uma enxurrada de produtos, artificialmente barateados pelo câmbio sobrevalorizado, e encareceu as exportações, gerando sucessivos déficits na balança comercial. Tudo isso agravado por uma política de juros estratosféricos, que inviabilizou os investimentos locais, empatou o crescimento e gerou um serviço da dívida de arrasar quarteirão. Esse conjunto perverso de medidas macroeconômicas, aliado ao desprezo por planejamento e a alergia por políticas ativas, jogaram por terra a possibilidade de se implantar no país um projeto de desenvolvimento. Para completar o castigo imposto aos produtores brasileiros, o governo FHC elevou sistematicamente a carga fiscal, e deixou deteriorar a infraestrutura, fatores determinantes para um custo país

mais competitivo. Enfim, tudo que se poderia esperar de uma anti-política industrial e comercial. Isso explica porque, depois de quase uma década de "ajustes", a economia brasileira esteja à deriva, com um crescimento medíocre de 1,5 a 2% ao ano, e à mercê da boa vontade do mercado financeiro internacional para fechar as contas externas. Com tudo isso o governo brasileiro não caiu na real e resiste a desenvolver um sentido de urgência para enfrentar os problemas brasileiros.

Num recente seminário organizado pela Fiesp e pelo Iedi para discutir políticas de desenvolvimento, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, se declarou surpreso ante a suposta "desconexão" entre o risco país, muito elevado, e o quadro macroeconômico brasileiro, que ele considera satisfatório, com inflação em queda, contas públicas saneadas e garantidas pela Lei de Responsabilidade Fiscal e o câmbio flutuante. Infelizmente o presidente do BC, com toda sua experiência acumulada no mercado financeiro, deveria saber que não é assim que as coisas funcionam. O fato de o governo FHC ter seguido a risca a cartilha de ajuste conservador, não ga-

rante os fundamentos econômicos e muito menos a solidariedade dos credores.

O que interessa são os resultados, tais como o crescimento da economia, a evolução da relação dívida/PIB ou a relação entre a dívida externa e as exportações, que deixam muito a desejar para os padrões internacionais. Quem mandou cumprir o conselho de simplesmente liberalizar a

O governo FHC elevou a carga fiscal e deixou deteriorar a infraestrutura, fatores determinantes para um custo país mais competitivo

economia, privatizar tudo que havia pela frente, e impedir o Estado de fazer qualquer tipo de política ativa? Para uma platéia de empresários que acabava de fazer auto crítica por ter "jogado na defensiva" este tempo todo, o titular do BC brasileiro recomendou mais do mesmo. Sugeriu apenas um compromisso com superávits fiscais, mais corte de gastos públicos e responsabilidade, para que "no prazo de 30

meses" possamos "colar grau" na condição de "investment grade". Perguntado sobre política industrial, Armínio torceu o nariz e escapou pela tangente, para desencanto dos presentes. Nem uma palavra sobre a necessidade de uma ação emergencial para dinamizar as exportações e gerar um saldo comercial consistente no curto prazo. Aliás o BNDES, ao invés de baixar, acaba de elevar a TJLP de 9,5% para 10%. É preciso dizer mais nada?

Ora, senhor presidente do BC, até mesmo os postes de Brasília sabem que se continuarmos na rota atual por mais 30 meses, estaremos todos quebrados, sem empregos, com a criminalidade cercando as cidades e os credores abandonando o barco furado de uma economia com um déficit público avançando para patamares elevados. Felizmente haverá eleições presidenciais em outubro próximo, para tirar o país dessa lógica perversa.

Guido Mantega, doutor em economia pela USP, professor da FGV-SP e autor de "A Economia Política Brasileira" e "Conversas com Economistas II", escreve mensalmente às quintas-feiras.
E-mail: gmantega@fgvsp.br